

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

## **A CONSTRUÇÃO DAS VERDADES NA CONDUÇÃO DAS CONDUTAS DOS BRASILEIROS, A INTOLERÂNCIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E O PRECIPITAR DOS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS**

*THE CONSTRUCTION OF TRUTHS IN THE GOVERNMENT OF THE BRAZILIAN CONDUCT, INTOLERANCE AS A RESISTANCE FORM AND THE PRECIPITATION OF DISCURSIVE EVENTS*

Kátia Menezes de Sousa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Parto da noção de enunciado, como sendo da ordem do acontecimento, e da proposta metodológica de Michel Foucault para poder dizer dos e descrever os fatos de discurso que atestam e autorizam a afirmação, numa análise, de que os discursos de ódio e as práticas de intolerância têm se espalhado por diferentes domínios do presente dos brasileiros, constituindo as estratégias dos dispositivos de poder para conduzir a população a uma determinada verdade. Tomo os enunciados como jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta. Nesse sentido, são contempladas algumas práticas discursivas marcadas, principalmente, pelo momento político atual, que trouxe à tona valores conservadores como uma forma de resistência a uma suposta sociedade perigosa, indisciplinada e pervertida, construída por um governo, também suposto como de esquerda, que permitiu a visualização e convivência incômodas do diferente, do não padronizado e do não normalizado em termos econômicos, sociais, étnicos, sexuais e religiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acontecimento discursivo; conduta; verdade; subjetividades.

**ABSTRACT:** I start with the notion of the statement, as being of the order of the event, and with the methodological proposal of Michel Foucault to be able to talk about and to describe the facts of discourse that attest and authorize the affirmation, in an analysis, that the discourses of hate and the practices of intolerance have spread through different domains of the present moment of Brazilians, constituting the strategies of the devices of power to lead the population to a certain truth. I take the statements as strategic games of action and reaction, question and response, domination and avoidance, as well as struggle. In this sense, some discursive practices are considered, marked mainly by the current political moment, which has brought conservative values to the fore as a form of resistance to a supposed dangerous, undisciplined and perverted society, built by a government, supposed as left-wing government, that allowed the uncomfortable visualization and coexistence of the different, the non-standardized and the non-normalized in economic, social, ethnic, sexual and religious terms.

**KEYWORDS:** Discursive event; conduct; truth; subjectivities.

### *Considerações Iniciais*

Muitas são as notícias que informam sobre as práticas de intolerância e de ódio que tomaram conta do Brasil nos últimos quatro anos. Pesquisa<sup>2</sup> divulgada pelo *O Globo* em 03 de agosto de 2016 apresenta um levantamento realizado pelo projeto “Comunica que

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: km-sousa@uol.com.br

<sup>2</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017#ixzz4tpTi023T>.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Muda”, iniciativa da agência nova/sb, que mostra, em números, a intolerância praticada nas redes sociais. Conforme informação da matéria, entre abril e junho de 2016, um algoritmo vasculhou plataformas como Facebook, Twitter e Instagram atrás de mensagens e textos sobre temas sensíveis, como racismo, posicionamento político e homofobia. Foram identificadas 393.284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação. De acordo com os números, em primeiro lugar, aparecem as mensagens de cunho político, que abordam aspectos negativos. A segregação virtual, desencadeada pelas eleições de 2014, conforme o jornal, foi materializada no muro erguido no gramado do Congresso Nacional para separar manifestantes contra e a favor do afastamento da presidente Dilma Rousseff. Em seguida, vem o tema “ódio às mulheres”, manifestado por meio de assédio, pornografia de vingança, incitação ao estupro e outras violências que são, por vezes, travestidos de “piadas” que são curtidas e compartilhadas, reforçando, no ambiente virtual, o machismo presente na sociedade. As desigualdades de gênero são altamente marcadas pela intolerância, e o racismo, também, tem forte presença nas redes sociais brasileiras.

As intolerâncias dominam as práticas sociais dos brasileiros, o que justifica, neste trabalho, a discussão sobre os fatos de discurso que podem atestar e autorizar a afirmação, numa análise, de que os discursos de ódio e as práticas de intolerância têm se espalhado por diferentes domínios do presente dos brasileiros e, mais importante, indicar como esses discursos têm constituído as estratégias dos dispositivos de poder que visam a conduzir a população a uma determinada verdade.

Para isso, seguiremos os dois passos pontuados por Michel Foucault, em *A verdade e as formas jurídicas*, quando comenta sobre suas pesquisas e explica que, em primeiro lugar, pretende mostrar como os saberes engendram as práticas sociais, fazendo surgirem novos objetos, conceitos e técnicas e fazendo nascer formas novas de sujeitos; em segundo lugar, pretende expor um eixo metodológico, constituído por uma análise dos discursos, entendidos como jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta. Conforme Foucault (1996), o discurso é o conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro. Nesse sentido e ainda experimentando os postulados de Foucault (1995), tomaremos o discurso como da ordem do acontecimento, constituído por um número limitado de

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência; ou seja, a linguagem na instância de seu precipitar e de seu modo de ser.

Com base nesse pressuposto perguntaremos sobre o porquê os enunciados que explicitam as intolerâncias puderam aparecer, procurando compreender as condições de sua emergência, de existência, de coexistência e de transformação por meio das regularidades enunciativas que efetivam seu aparecimento. Foucault (1995) entende que “todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode ser dela dissociado”. Há, portanto, uma regularidade enunciativa que permite a constatação de que existe intolerância e de que ela é direcionada a certos grupos de indivíduos e a certas práticas sociais. Contudo, a regularidade precisa ser alcançada na dispersão de enunciados que constroem os discursos de intolerância e de ódio, em nosso caso, nos enunciados que circularam nos meios midiáticos, desvelando um *a priori* histórico que entra em jogo como condição de realidade para esses enunciados. Trata-se, conforme Foucault (1995), de *a priori* de uma história determinada, por isso, constituído das coisas efetivamente ditas que constituem os sistemas, chamados por Foucault de arquivo, que instauram os enunciados como acontecimentos. O arquivo é a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares.

Assim, a expectativa é de finalizar a análise podendo demonstrar as regras (históricas) segundo as quais os enunciados de intolerância do presente foram construídos e as regras (históricas) segundo as quais outros enunciados foram desencadeados e puderam, também, ser construídos. Nesse sentido, o objetivo geral é mostrar os acontecimentos discursivos que tensionam outros acontecimentos fazendo emergirem os discursos de intolerância.

A percepção das regularidades enunciativas nos conduziu à formulação da hipótese de que o acontecimento do denominado “giro à esquerda”, a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), na configuração do discurso político, ao ser tratado pela mídia, pode explicar o conservadorismo nas propostas e decisões políticas e no comportamento das pessoas. A suposta guinada à esquerda tecida por importantes veículos da imprensa, também, pode explicar a culpabilização das políticas sociais do governo na queda do crescimento econômico do país e a recorrência à moral cristã como forma de conduzir os homens às práticas hegemônicas que possam extirpar o medo que fora desencadeado pelas

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

lutas de resistência à docilização e à normalização dos corpos da população impostas por políticas reacionárias historicamente cultivadas no Brasil.

*Por que esses enunciados puderam aparecer?*

Nesta seção, serão apresentados alguns exemplos de ocorrências de práticas de intolerância dentro dos domínios mais atingidos e, por isso, marcados como incomodadores. Durante as manifestações a favor do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, além do ódio ao governo de esquerda e às suas políticas, também outros alvos foram colocados na mira, com a exposição em cartazes e publicações em redes sociais de enunciados de intolerância à população LGBT, mulheres, negros, índios, pobres e intelectuais. Das primeiras manifestações em 2013 até o momento atual, os discursos de ódio a esses grupos têm insistido em se manifestar nos ditos e nas práticas de uma parte da população que se singulariza, ao tentar eliminar outras populações, e produz subjetividades.

A intolerância às minorias tem ganhado visibilidade, mais fortemente, em enunciados a partir da campanha às eleições de 2014, marcando presença nas manifestações pelo impeachment da Presidenta eleita e se firmando, na atualidade, em ações de censura e proibição a livros didáticos e a exposições artísticas, no caso das sexualidades, e, de forma visível, mas não tão dizível de forma direta, no caso de discriminação a negros, mulheres e pobres. Talvez, a autorização para o dizível nas questões homossexuais esteja firmada no discurso religioso, via citações bíblicas, e no discurso biológico, via argumento da evolução natural das espécies.

Em entrevista ao *Jornal El País* em 14 de fevereiro de 2014<sup>3</sup>, ano de eleições gerais no Brasil, o jornalista resume o perfil e a entrevista concedida por Jair Bolsonaro, informando que: “O deputado federal e militar da reserva Jair Bolsonaro (PP) concede uma entrevista atrás da outra. [...] A cada entrevista, eleva o tom das suas afirmações homofóbicas, elitistas, racistas e incitadoras da violência”. Nesta entrevista ao *EL PAÍS*, ele conta que pretende ser o representante dos direitos humanos no Brasil. Chama a presidenta Dilma Rousseff de terrorista, considera os gays produto do consumo de drogas e

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426\\_093148.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html)

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

defende a cadeira elétrica para os criminosos. As únicas minorias que ele pretende defender são as que ele considera "decentes": os cadeirantes, autistas e deficientes.

O discurso de ódio violento do Deputado Bolsonaro, que deveria ser desconsiderado como forma de não ampliar seu alcance, não pode mais ser desconsiderado numa pesquisa desse escopo, por ser constituído de enunciados que se repetem num mesmo posicionamento e produzem as verdades que serão repetidas e tomadas como argumentos de autoridade em outros enunciados e por diferentes sujeitos que o apoiam ou não. A repetida emergência de enunciados impregnados do discurso, ao mesmo tempo, intolerante e salvacionista, de Bolsonaro e seu grupo de religiosos evangélicos, atinge mesmo aqueles que dizem que não votariam no deputado para presidente da república. O discurso de ódio passa a ser discurso de ninguém e, por isso mesmo, uma verdade incontestável para aqueles que foram convencidos pelo insistente trabalho da grande mídia brasileira de que os governos de esquerda incentivam a instabilidade nas famílias e expõem a população à insegurança, ao proteger bandidos e anormalidades das minorias. A presidenta Dilma, após seu primeiro mandato, tornou-se vítima de uma misoginia marcada pela desqualificação indevida e violenta de sua atuação como presidente, pelo fato de não ter um marido, de não demonstrar fragilidade e delicadeza em embates políticos e de ter sido torturada durante a ditadura militar, o que lhe rendeu o título de terrorista. Os negros são associados a criminosos, bandidos, pobres, desviando, também, enunciativamente o alvo do preconceito. Já os gays recebem atribuições preconceituosas ligadas diretamente a suas sexualidades. Como já se convencionou a argumentar: o preconceito não é contra a mulher, mas contra a sua masculinização; não é contra o negro, mas contra o criminoso, o bandido, o vagabundo, a vadiagem. Assim, os discursos apontam para o lugar dos preconceitos, mas também os desviam daquele lugar como forma de justificar a intolerância a certos grupos e o ataque aos direitos humanos sob o argumento insano de que são coisa de comunista.

Na mesma entrevista, Bolsonaro afirma:

Eu pretendo ecoar, falar para o povo brasileiro do mais importante: a redução da idade penal e de uma política de planejamento familiar, de reduzir o número de filhos dos mais pobres. Porque os mais pobres têm bolsas [benefícios] que os estimulam a terem mais filhos. Então, gente sem cultura acaba tendo mais filhos para ganhar 70 reais por mês. Todos esses aí vão ser eleitores do futuro para o PT. Uma terceira proposta seria uma luta para revogarmos o estatuto do

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

desarmamento. Porque o governo desarmou as pessoas de bem, mas a bandidagem está cada vez mais armada. E o cidadão não tem como se defender.

Como forma de não produzir mais pobres e bandidos, Bolsonaro propõe uma política de planejamento familiar e, ainda, culpa o governo o PT pelo aumento da população pobre. Esse enunciado sobre o projeto Bolsa Família vai fazer emergir vários argumentos contrários à reeleição de Dilma Russeff, configurando os projetos sociais como os culpados pela crise econômica e pela produção de vagabundos. Os enunciados sobre os programas sociais dos governos do PT serviram para nutrir e conservar o ódio àqueles que foram excluídos do grupo das pessoas de bem, por serem gays, criminosos, vagabundos e adeptos de religiões não cristãs. E enunciados impregnados dessa ordem discursiva vão ser disseminados em redes sociais, explicitando que o incômodo de uma grande parte da população brasileira não é com a política ou com a economia, mas com a moral, ou melhor com os moralismos. A explicação de Foucault (1995) sobre enunciado, ao considerá-lo como o efetivamente dito que funciona em rede, clareia o intrigante jogo em que certos enunciados são valorizados, conservados, oferecidos como objeto possível a um discurso futuro ou mesmo apagado.

Em outro trecho da mesma entrevista, quando perguntado sobre o respeito à diversidade, Bolsonaro explica:

Quem pensa dessa maneira de respeitar [a diversidade] é quem quer levar essa matéria para as escolas para transformar crianças de seis anos em homossexuais. Ao ponto que daí facilita a pedofilia no Brasil. [...] A imensa maioria vem por comportamento. É amizade, é consumo de drogas. Apenas uma minoria nasce com defeito de fábrica. Aqui no Brasil se tem a ideia de que quem for homossexual vai ter sucesso na vida. As novelas sempre mostram os gays bem sucedidos, que trabalham pouco e ganham muito, têm carrões...

Para muitos de seus apoiadores e fãs, Bolsonaro aparece como aquele que tem a coragem de dizer a verdade frente à ditadura do politicamente correto dos intelectuais de esquerda, produzindo uma inversão de valores que convence os desejosos da ordem, da disciplina e do autoritarismo como forma de eliminar aqueles que rompem com os padrões já estabelecidos e valorizados como corretos. A homossexualidade aparece associada à pedofilia, às más influências, às drogas, como defeituosos que não poderiam trabalhar e ter sucesso profissional e financeiro, fazendo precipitar enunciados já formulados e adormecidos nas hipóteses dos antepassados. O homossexual, para ele, precisa de punição,

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

fazendo lembrar a forma de “fixar os indivíduos ao aparato de produção [...], de fabricar um tecido de hábitos por meio do qual se define o pertencimento social dos indivíduos a uma sociedade”, de fabricar norma como instrumento por meio do qual os indivíduos estão ligados aos aparatos de produção (FOUCAULT, 2015, p. 217).

A norma, também, produz e justifica a violência, como atesta a notícia de 06 de março de 2014<sup>4</sup>, na qual Jair Bolsonaro é citado, por suas posições homofóbicas, em matéria sobre a tragédia ocorrida no Rio de Janeiro envolvendo o assassinato de um garoto de oito anos pelo próprio pai. Conforme trecho da notícia:

No dia em que se noticia a morte de um garoto de 8 anos espancado por um pai que não aceitava os “hábitos afeminados” do filho, vale lembrar que quem estimula tamanha crueldade está também ocupando cargo político no Congresso Nacional. O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) reverbera na mídia um discurso presente em nossa cândida sociedade de que ter filho gay é consequência de falta porrada de durante a infância. Pois bem, nesta quarta-feira veio à baila a crueldade cometida por um pai que seguiu este ensinamento.

Mesmo diante de notícias como a anterior, a direita conservadora continua a ocupar um lugar de condução das condutas do povo (FOUCAULT, 2008), a ser vista como um movimento que se coloca como protetor dos interesses desse povo, produzindo um regime de verdade que garanta condutas que rechacem o conhecimento humanista, fazendo com que este seja entendido como desencadeador de padrões autoritários ditados por uma elite intelectual e detentora do poder. A este suposto sistema estabelecido ou poder instalado são vinculados os intelectuais pós geração de 1968 que teriam ajudado a formar certo consenso liberal democrático que concilia capitalismo e avanço das lutas identitárias. Nessa condução de condutas, a direita conservadora participou de protestos, manifestou suas verdades nas ruas e nas redes sociais, dizendo ser sua luta uma forma de resistência às práticas antidemocráticas da esquerda e fazendo com que essas práticas se configurassem como autoritárias no próprio acontecimento dos protestos. Nessa inversão, a verdade se constrói em torno da ideia da vitimização do povo que não é respeitado em suas crenças e opiniões e no próprio ato da manifestação de reivindicações que passarão ser suas. E alguns parlamentares fazem protestos no Congresso Nacional, como uma forma de

---

<sup>4</sup> <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/03/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro.html>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

convencimento de que a atuação da esquerda não é só um problema político e econômico, mas antes um problema vinculado às ideias de uma elite intelectual, que, em seus projetos humanistas, produz, ela própria, as desigualdades. Os problemas sociais, históricos e culturais complexos, dentro do populismo da direita conservadora, se apresentam de forma simplificada e por meio de promessas de soluções fáceis, mas perigosas e violentas.

Lula Marques/AGPT/Fotos Públicas



Protesto de parlamentares cristãos contra a Parada Gay em 2015, no plenário da Câmara dos Deputados<sup>5</sup>

E a intolerância às diferenças, apontadas pela direita como construção das políticas de esquerda, se espalha como uma forma de garantia a seus seguidores de serem conduzidos e de se conduzirem a uma vida de perfeição, livre daquilo que julgam como perturbador ao olhar e, por isso, segura. Assim, o Brasil vai assistir a um espetáculo de ódio encenado em suas ruas e redes sociais. São investidas contra a população LGBT, mulheres, negros, índios, religiões não cristãs, usuários de drogas que ganham lugar em enunciados e em práticas de violência. Alguns desses tipos de enunciados serão aqui considerados com o intuito de construir um percurso de discussão que possa mostrar que eles puderam emergir e aparecerem sustentados por uma rede enunciativa que instaurou uma mudança de legitimação retórica nos ditos historicamente autorizados a serem ditos.

<sup>5</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/da-constituente-a-cura-gay-a-luta-entre-os-evangelicos-e-lgbts-no-congresso>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).



São várias as formas pelas quais os enunciados expressam a intolerância aos homossexuais e essas duas ocorrências de manifestação do fenômeno talvez estejam na base de muitas outras formas de dizer e de atacar a homossexualidade. A primeira<sup>6</sup> retoma a ideia de mau exemplo disseminada por Bolsonaro e, como mau exemplo, os homossexuais devem ser banidos da convivência social, pois, colocados em público, produzem, como os adeptos da corrente filosófica cínica, o escândalo da verdade (FOUCAULT, 2011a) e se constituem como um impedimento para a correta condução pastoral dos homens e de suas almas neste mundo que garantiria a vida no outro mundo eterno. Se os movimentos organizados trataram de tornar a questão da homossexualidade uma causa pública, o cristianismo tenta “veicular a vergonha, a culpa, a autodepreciação como sentimentos que devem ser subjetivados pelos homossexuais, levando-os a procurar novamente viver na sombra e no anonimato” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 140). A visibilidade do homossexual contradiz a sua forma de dizibilidade, fazendo com que haja uma dissimulação no dizer, já que o visível promove o escândalo ao olhar dissimulado dos que dizem respeitar as diferenças, mas sem ter que conviver com elas.

A segunda imagem<sup>7</sup> divulgada em um *outdoor* autoriza o ódio aos homossexuais, já que é Deus que os considera abomináveis e contra a natureza, mercedores de castigo por terem se entregado a paixões vergonhosas. A mensagem apela para que se arrependam, se voltem para Deus para terem seu pecado perdoado. A intolerância decorrida de apelos

<sup>6</sup> Imagem retirada da notícia “Homossexuais em SP relatam homofobia por meio de frases que ouvem com frequência”, publicada em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/homossexuais-em-sp-relatam-homofobia-por-meio-de-frases-que-ouvem-com-frequencia-12072015?foto=4#!/foto/4>

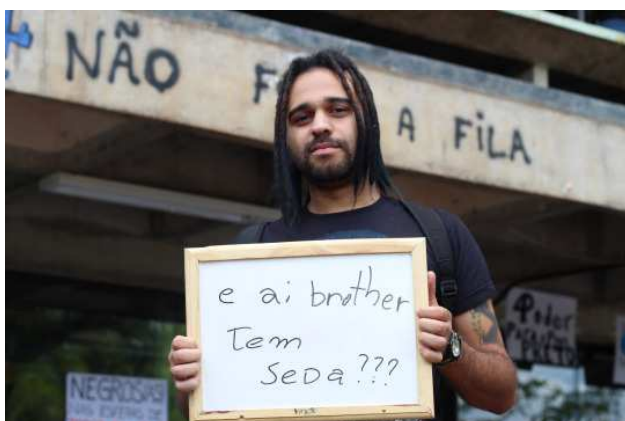
<sup>7</sup> Imagem retirada do Blog do Ozaí. Disponível em: <https://antoniozai.wordpress.com/2013/03/30/homossexuais-na-idade-media/>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

como este se firma não só na opinião de que os homossexuais terão o bíblico impedimento da entrada no outro mundo, mas também na autorização, aos que se dizem cristãos, para limpar, desse mundo mesmo, a animalidade que acaba por coloca luz sob o desejo de seus condenadores, que veem refletida no outro a possibilidade de sua própria entrega a essas paixões vergonhosas.

Foucault (2011a) ressalta que, entre o ascetismo cristão e outras formas que o prepararam e o precederam, há que se colocar uma dupla relação: a relação com outro mundo e o princípio de obediência, neste mundo, ao outro, que é Deus e os homens que o representam. A partir dessa dupla relação, Foucault (2011a, p. 283) afirma que “é assim que veríamos se esboçar um novo estilo de relação consigo, um novo tipo de relações de poder, um outro regime de verdade”.

Em um projeto fotográfico, a estudante de Antropologia, Lorena Monique, da Universidade de Brasília (UnB), mostra o racismo dentro do ambiente acadêmico, por meio de frases racistas já ouvidas por negros<sup>8</sup>. Algumas frases estão aqui destacadas.



<sup>8</sup> Disponível em: <http://prosalivre.com/projeto-fotografico-mostra-frases-racistas-ja-ouvidas-por-negros/>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Os enunciados exibidos pelos convidados à participação no projeto, de maneira geral, denunciam as associações feitas para dizer da população negra no Brasil. São associações que remetem a preconceitos que são usados para justificar a intolerância aos negros, desqualificando-os por generalizações que os conectam às drogas, à pobreza, promiscuidade, prostituição, feiura, ignorância e à incapacidade cognitiva. Além de sofrerem exclusões por racismo, também recebem a culpa por outros comportamentos e ações que lhe são atribuídos como justificativa para sua eliminação da população formada por “cidadãos de bem”. São microfascismos, que emergem disfarçados de resistências reativas aos grupos supostos como perigosos, justificando medidas violentas da justiça e da sociedade, que se coloca como do lado do bem e dos bons costumes, por se julgar cumpridora das leis de Deus e dos homens. Em abril deste ano, Jair Bolsonaro, em uma palestra, no clube Hebraica, no Rio de Janeiro, fez ataques a negros, índios, mulheres, homossexuais e refugiados e usou a deficiência física do ex-presidente Lula para chamá-lo de “energúmeno”. Afirmou que, se for eleito presidente da república, pretende acabar com todas as reservas de terra de indígenas e quilombolas. “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”, discursou<sup>9</sup>. As associações depreciativas formam um conjunto, incluindo, também, o negro como vagabundo, preguiçoso e animalesco. Um conjunto que, comparado aos valores materializados nos ditos definidores da construção de um cidadão de bem, produz a intolerância e os projetos de extermínio de negros e afrodescendentes.

Durante o processo de aprovação do impeachment da presidenta Dilma, o Brasil assistiu à exposição, sem restrição, de imagens e dizeres de desqualificação e ataques às mulheres como forma de convencer a população sobre o não preparo e a incompetência da presidenta. Por se tratar de um golpe para retirada do Partido dos Trabalhadores do poder, orquestrado por políticos, empresários, ruralistas, religiosos, com o apoio da grande mídia e da justiça, os atos de misoginia contra a presidenta circularam sem censura, sem questionamentos por parte dos órgãos inibidores de práticas de preconceito, dando à população a impressão de que os maus tratos às mulheres estariam autorizados e até

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

naturalizados. Assim, as mulheres brasileiras foram expectadoras e vítimas de explicitações de preconceitos que despertaram de seu sono aparente com um grande apetite de revanche. Os estereótipos da mulher nervosa, histérica, descontrolada, louca, emocionalmente perturbada e recalcada aparecem visivelmente e dizivelmente como as verdades inquestionáveis na definição de mulher, como é demonstrado na capa da revista *Isto é* e no cartaz de um manifestante favorável ao impeachment<sup>10</sup>.



Contrariamente a esses valores atribuídos à imagem da mulher, outros, não menos preconceituosos, surgiram após a votação do impeachment pelo congresso, dessa vez ligados à esposa do presidente interino Michel Temer, Marcela Temer, que ocupou a posição de primeira dama, inexistente no governo da Presidenta Dilma. A discriminação e a desqualificação da mulher se dão por valores negativos, como os atribuídos à Dilma Rousseff, mas também por valores tidos como positivos, como no caso da nova primeira dama.

<sup>10</sup> As duas imagens circularam no facebook e estão disponíveis Google Imagens.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).



A beleza da primeira dama é ressaltada nas duas imagens, ressignificando os motivos do apoio tão agressivo ao impeachment da presidenta Dilma ao dar visibilidade ao peso da aparência, da beleza padronizada, na aceitação de uma mulher que deve, no máximo, ser coadjuvante no comando do país. Tornam visível, também, o discurso machista funcionando nos argumentos contrários ao governo de Dilma, que não ostentava um marido (e que não poderia ser bem mais jovem que ela) em suas aparições em público. O “sim” na segunda imagem surge como uma resposta otimista ao descontentamento por ter uma presidenta e não um presidente macho, que seria o esperado, o convencional, o aceitável numa sociedade machista que fica inconformada por estar em um país mutilado pela falta de um membro, sem primeira dama. Marcela Temer não assume um lugar, ela estréia, como uma celebridade a ser admirada e desejada numa passarela. Também, não se livra dos estereótipos, como o da mulher bonita, mas ordinária ou da loira burra, exigindo que os produtores do enunciado já se armem contra argumentos desse tipo e esclareçam que ela “escreveu seu próprio discurso”, informação que também produz o sentido inverso, reafirmando a ideia de que uma mulher jovem e bonita não necessite ser capaz de realizar certas tarefas.

Essa amostragem de enunciados serve de ponto de partida para a demonstração de que os enunciados emergem seguindo certa regularidade que os sustenta num mesmo domínio e que os estende a outros domínios discursivos. Indica, também, que a regularidade de um enunciado deve ser colocada em relação e em oposição a outras regularidades que caracterizam outros enunciados, pois “todo enunciado é portador de uma

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

certa regularidade e não pode ser dela dissociado” (FOUCAULT, 1995, p. 165). Tais enunciados não escapam à historicidade e, por isso, constituem princípios que possibilitam sua subsistência, transformação e desaparecimento.

Por mais inaceitáveis e inadmissíveis que sejam os enunciados que constituem os discursos de intolerância, eles puderam aparecer possibilitados por um regime de verdade que coloca em jogo os saberes e as relações poder. Nesse jogo, a direita conservadora se coloca na resistência contra os conhecimentos humanistas, atribuindo-lhes um poder negativo que precisa ser enfrentado pelo fato de serem impostos por um governo e por uma elite intelectual de esquerda, muitas vezes “denunciados” como comunistas, que querem estabelecer sua verdade passando por cima de verdades já consagradas, como as da Bíblia e da família tradicional aristocrática. Como as relações de poder e as formas de resistência existem de forma inseparável, os enunciados de ódio emergem como uma forma de resistência para se configurarem num exercício de poder. A resistência se opõe “aos efeitos de poder que estão ligados ao saber, à competência e à qualificação”, mas também “ao mistério, à deformação e a tudo o que pode haver de mistificador nas representações que se impõem às pessoas” (FOUCAULT, 2014, p. 122). Nessa luta entre poder e resistência, o Brasil assiste a uma guerra discursiva que coloca de um lado as direitas com pautas que parecem novas, mas que são bem antigas, e de outro lado as esquerdas com a defesa de medidas e projetos que já lhes pareciam superados e inquestionáveis, mas que retornam como novos acontecimentos.

#### *A resistência à produção das diferenças: a família tradicional como justificativa e solução*

No funcionamento dos enunciados e em suas razões de ser, há um regime de poder/saber/subjetividade que sustenta as práticas discursivas. A análise dessas práticas deve responder às questões assim como as sistematizadas por Foucault (2000, p.350): “como nos constituímos como sujeitos de nosso saber”? “como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem as relações de poder”? “como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações”? As respostas a uma reflexão como essa confirmarão que o sujeito é resultado das relações de poder e de saber. Essa concepção de sujeito requer da pesquisa sobre as práticas discursivas “outra maneira de caminhar para uma nova

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

economia das relações de poder, que seja, ao mesmo tempo, mais empírica, mais diretamente ligada à nossa situação presente” (FOUCAULT, 2014, p. 121]). Essa outra maneira de lidar com as relações de poder seria tomar as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida. Assim, aos enunciados apresentados aqui anteriormente, há que se perguntar se eles funcionam, como funcionam e, ainda, especular por que eles funcionam, já que foram ditos e devam corresponder às expectativas de seus produtores. Também, deve-se considerar que eles possam atender à estratégia de um grupo, mas também produzir o inesperado, ou ainda possa desencadear efeitos indesejáveis, suscitando novas ações de resistência.

Foucault (2011b) demonstra que a ligação entre o exercício do poder e a manifestação da verdade é bem antiga e coloca a questão de entender como foi possível, numa sociedade como a nossa, que o poder não possa se exercer sem que a verdade se manifeste, e se manifeste na forma da subjetividade, e, nessa manifestação da verdade, sob a forma da subjetividade, espera-se efeitos que estão para além da ordem do conhecimento (seja ele humanista ou anti-humanista e colonialista), mas que são da ordem da salvação e da libertação para cada um e para todos. Assim, seria preciso considerar o problema que envolve o motivo e o modo como o exercício do poder em nossa sociedade exige não somente atos de obediência e de submissão, mas atos de verdade nos quais os indivíduos são sujeitos numa relação de poder, são sujeitos como ator, espectador-testemunha, ou como objeto. O poder, “e isso desde milênios em nossa sociedade, exige que os indivíduos digam não somente ‘eu obedeco’, mas lhes exige ainda que digam: ‘eis aquilo que eu sou, eu que obedeco; eis o que eu sou, eis o que eu quero, eis o que eu faço’” (FOUCAULT, 2011b, p. 76). A necessidade de vinculação a um saber/poder encaminha os indivíduos a uma identificação, como forma de resistência, a certos conhecimentos. No Brasil atual, existe uma forte identificação com discursos que colocam os conhecimentos humanistas, críticos e progressistas como antidemocráticos por se ligarem às verdades de uma elite intelectual que não considera as outras formas de pensar (religiosas, conservadoras, retrógradas) da população. As imagens seguintes remetem a essa resistência.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).



Ainda antes do impeachment da presidenta Dilma, enunciados que já eram pensados como superados voltam a circular de forma insistente em vários domínios do saber. Nas manifestações favoráveis ao impeachment, enunciados de enfrentamento às práticas vitoriosas da luta dos humanismos retornaram agora encenando a vitimização de uma parcela da sociedade, dita do “bem”, que se diz desconsiderada em seus conhecimentos e crenças. Assim, se deu a consolidação de discursos e ações de resgate a valores que, em suas estratégias de convencimento para produzir uma unanimidade, dividiram o Brasil em dois lados: o do bem e o do mal. O *outdoor* na imagem<sup>11</sup> esteve em vários pontos da cidade de Goiânia em 2016 funcionando como um convite apelativo para as manifestações da direita, representada pelos “bons”, cidadãos de bem, que precisavam agir contra o mal, os comunistas. Também, nessa mesma época, Bolsonaro se mostrava em fotos, divulgadas em sua página do facebook, associando os Direitos Humanos à vagabundagem, como havia também um retorno, após mais de dez anos da aprovação do estatuto do desarmamento, à proposta de concessão de porte de armas aos cidadãos de bem<sup>12</sup>. A acusação dos conservadores sobre o domínio da bandidagem favorecida pelas políticas de esquerda, amplamente trabalhada pela mídia, vai produzir a certeza da existência de violência generalizada, provocando o medo e a insegurança, técnicas que acionam e garantem a existência dos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008).

O dispositivo de segurança visa ao fenômeno da massa e caracteriza a população e as condições de sua variação, buscando prevenir ou compensar os perigos, os riscos e as

<sup>11</sup> Imagem fotografada por nós em março de 2016.

<sup>12</sup> As imagens circularam no facebook e ainda se encontram disponíveis no Google imagens.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

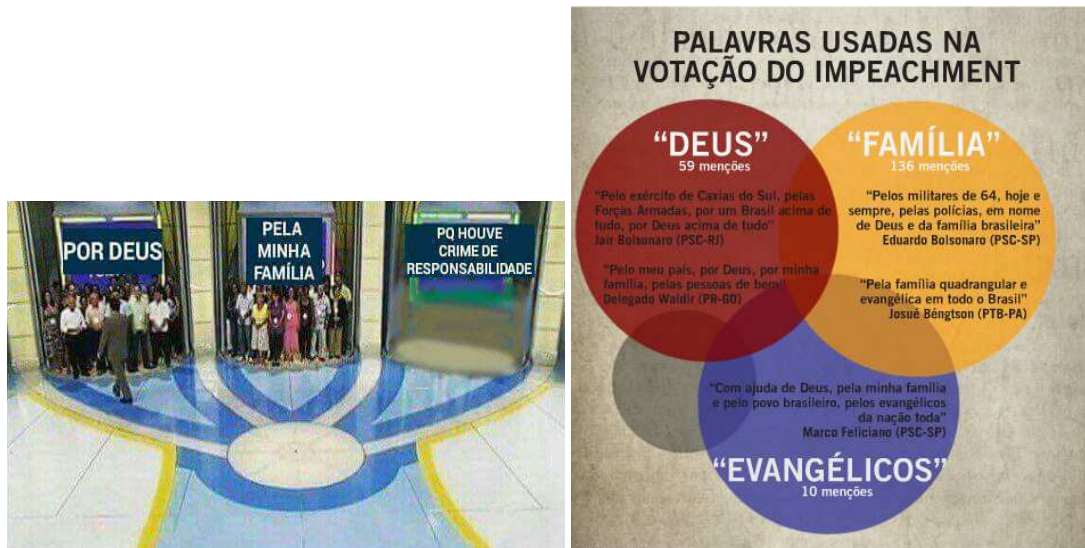
crises resultantes de sua existência como entidade biológica. É um mecanismo de uma biopolítica para o controle regulador da população. A biopolítica compõe com os procedimentos das disciplinas, que se centram no corpo humano como máquina, e se exerce sobre a vida das pessoas, para a garantia de uma vida de bem-estar, saúde e felicidade. Conta com instrumentos medidores de fatores de risco e faz circular resultados de pesquisas, estatísticas, dados etc. que podem antecipar a possibilidade de rompimento do pacto, o que obriga o acionamento dos dispositivos de segurança para intervir na vida cotidiana. Assim, a insegurança e o medo garantem e expandem o alcance do dispositivo de segurança. Foucault (2008), ainda, acrescenta que o dispositivo de segurança, numa atualização do pastorado cristão, prevê o governo da conduta dos homens e de suas almas. O problema que se vê instaurado hoje no Brasil, acompanhando a crise política e econômica, mas movimentando, de fato, as enunciações e as práticas da população, se liga aos discursos de intolerância que ganharam força a partir de 2013 como reação ao medo e à insegurança, fazendo com que a população pedisse para ser conduzida.

A velha instituição família também foi mobilizada para preencher as funções pastorais e tem sido parâmetro forte neste novo cenário político brasileiro, para definir o grupo de pessoas do bem e o grupo das pessoas do mal. Durante a votação do impeachment, chamou a atenção a repetição da justificativa “pela família” para dizer sim à saída de Dilma. Vários deputados, além de dizer que o voto era por sua família, também elencavam os membros dessa família (minha esposa, meu filho, minha filha, meu neto, minha neta etc.) e muitos ainda os nomearam como forma de dizer que, em sua família, há homens e mulheres, meninos e meninas (minha filha Mariana, meu filho Pedro, meu neto Bruno, minha neta Amanda, por exemplo). Foucault (2008) mostra que os conflitos de conduta vão se dar também nas margens da instituição política. Essas margens permitem uma outra dimensão à arte de governar, visando não mais um modelo de família como espelho, mas os fenômenos ligados a toda uma população. De modelo, a família passa a instrumento para o governo das populações. Do modelo de família, restarão os temas morais e religiosos (FOUCAULT, 2003). E são esses temas que compõe com as práticas de intolerância a que a população brasileira tem se defrontado.

Após o impeachment, o tema da família ganhou uma regularidade discursiva ainda maior, disseminando nas redes sociais as críticas à sessão de votação do impeachment e os

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

dados numéricos da incidência das justificativas apresentadas pelos deputados e deputadas favoráveis ao impedimento da presidenta, como pode ser constatado nas ocorrências a seguir<sup>13</sup>.



As duas imagens fazem referência às justificativas da decisão do voto serem totalmente desvinculadas do motivo do julgamento. A primeira se utiliza de uma intertextualidade com um programa de auditório de Sílvio Santos, em que os participantes tinham de escolher a resposta certa. A maioria escolheu Deus e a “minha família” como justificativas para decretar a saída da presidenta. A outra imagem apresenta em números as justificativas mais citadas, e a recorrência à família é muito maior.

Na edição da revista *Veja* de 18 de abril de 2016, um dia após a votação na Câmara da autorização para o processo de impeachment, Marcela Temer, esposa do então vice presidente, protagoniza a matéria intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, que traz a seguinte descrição: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. A família tradicional vai se firmando como a solução contra o medo e insegurança, como argumento para retirar um governo suposto ser de esquerda e como garantia para a direita ter um motivo que valha o apoio da população. A família acaba sendo a grande investida dos políticos da direita, dos conservadores e da mídia para desbancar de vez a possibilidade de o Brasil ter um governo de esquerda. A família tradicional permeia

<sup>13</sup> Imagens retiradas do Google Imagens.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

discursos em vários domínios por se tratar de um tema inquestionável em sua importância e sagrado para a grande maioria, com ou sem família. Os enunciados em defesa da família tradicional ganham a cena, funcionando como estratégia para as políticas de higienização (limpar do olhar, tirar a visibilidade, produzir dizibilidades que dissimulam as visibilidades) que vão sendo crescentemente utilizadas como forma de livrar a população do escândalo da verdade, para conduzi-la à ordem, a um mundo de pessoas igualadas por padrões convencionais, conservadores e moralistas, sem a impureza daqueles que fogem a esses padrões.

Com a entrada do vice na presidência e de sua equipe de governo, o investimento nessa estratégia será ainda mais forte, comprovando que há uma regularidade discursiva para o convencimento da população e para se firmarem no governo. Tal regularidade servirá, também, para a normalização e naturalização das práticas de violência, mas nem, por isso, sendo eliminada do discurso do governo e da mídia, pelo fato de as estratégias de uso dos moralismos serem consideradas positivas nos cálculos da direita conservadora que teve a vitória com a retirada da presidenta Dilma. Assim, os brasileiros irão testemunhar, em enunciados e/ou em práticas, os retrocessos nas conquistas das lutas contra o racismo, o machismo, a homofobia, por exemplo.

#### *Considerações finais: os resultados do investimento na defesa da família tradicional*

Ao mesmo tempo em que os discursos de intolerância invadem as redes sociais e a vida da população, os números de violência às minorias vão aumentando significativamente a partir de 2016. Por um lado, os brasileiros vão ter acesso a notícias como as que destacam as falas reacionárias e preconceituosas do presidente, de seus ministros e de políticos em geral. Por outro lado, a grande mídia dá notícia das mortes, espancamentos, agressões físicas e psicológicas de populações minoritárias e estigmatizadas, das proibições e censuras a exposições de arte com temas ligados à sexualidade, mas sem ligá-las à historicidade que as permite, sem relacioná-las ao desejo de vingança da direita conservadora às políticas sociais e humanistas dos governos progressistas e ao tipo de conhecimento requisitado para justificá-las.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Para rapidamente comprovar a regularidade do investimento na família tradicional como estratégia, uma pesquisa sobre as notícias que circularam entre o 2016 e 2017 aponta claramente a recorrência a discursos preconceituosos. No dia 17 de maio de 2017, a Folha de São Paulo traz em números o que afirma em sua manchete: “Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGBTs”<sup>14</sup>. Nessa mesma matéria, tem-se notícia do documentário *Em Defesa da Família*, da cineasta brasileira Daniella Cronemberger.

O título faz referência ao "slogan" da bancada evangélica no Congresso. [...] Enquanto a tela mostra o cotidiano do casal Vanessa e Marília, funcionárias do Congresso, com seus três filhos, o áudio de parlamentares em sessões do plenário destila o discurso de ódio baseado nas crenças religiosas. “Eles [os deputados] refletem e reproduzem todas as agressões que a comunidade LGBT sofre, e não se consideram agressores ao dizerem, por exemplo, que a intenção dessas famílias [homoafetivas] é 'acabar com a raça humana'”, explica Cronemberger, citando um dos áudios reproduzidos no filme.

Em matéria de 08 de março de 2017, sobre a violência contra a mulher, o Jornal O Globo<sup>15</sup> cita pesquisa Datafolha que aponta que “Mais de 500 mulheres são vítimas de agressão física a cada hora no Brasil, que 9% das brasileiras relatam ter levado chutes, batidas ou empurrões no ano passado; o índice sobe para 29% se forem contabilizadas as que sofreram agressões verbais. No entanto, 52% delas afirmam não ter feito nada após os atos”. O Globo também informa, em 05 de junho deste ano, que “a estimativa é que os cidadãos negros tenham um risco 23,5% maior de sofrer assassinato em relação a outros grupos populacionais. De cada 100 pessoas assassinadas, 71 são negras no Brasil”<sup>16</sup>.

Com essa breve apresentação dos números da violência sofrida por mulheres, homossexuais e negros, e sem apontar o também crescimento de casos de mortes de índios e seguidores de religiões de base africana, este texto se encerra com a expectativa de ter conseguido mostrar o percurso discursivo dissimulado pelas relações de saber e de poder, em que, com o pretexto de sair de uma situação de medo e insegurança, as estratégias utilizadas pela direita conservadora produzem um número muito maior de fatos de violência, mas que têm como vítimas aqueles que podem ser eliminados para o bem-estar

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mais-de-500-mulheres-sao-vitimas-de-agressao-fisica-a-cada-hora-no-brasil-aponta-datafolha.ghtml>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/enquanto-homicidios-de-negros-crescem-taxa-cai-no-restante-da-populacao.ghtml>

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

de uma população que se diz “de bem”, que cultiva a moral e os bons costumes e que se enquadra nas normatividades historicamente construídas no Brasil em sua tradição racista, machista, homofóbica e cristã. A família tradicional constitui, assim, a pauta que sustenta planos de governo, mas também a que derruba outros projetos que privilegiem a diversidade. Funciona como argumento para a conquista da segurança, mas também para a segregação de certos grupos, como a solução para a continuidade da raça humana, mas também para justificar a extinção de grupos dessa mesma raça.

### *Referências*

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética entre revelar e silenciar no discurso cristão. In: CANDIOTO, C., SOUZA, P. (org.). *Foucault e o cristianismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

\_\_\_\_\_. O que são as luzes? In: MOTTA, M. B. (org.) *Foucault: Arqueologia das ciências e História dos sistemas de pensamento*. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. A governamentalidade. In: MOTTA, M. B. da (org.) *Foucault: estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980*. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011b.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder, in: MOTTA, M. B. (org.) *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. *A sociedade punitiva*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

*Recebido em outubro de 2017.*

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

*Aceito em dezembro de 2017.*